

A LITERATURA ANGOLANA

TÍTULO: A Literatura Angolana

AUTOR: Carlos Ervedosa

1.^a Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Série Ensaio. Lisboa 1963

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa

2.^a Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.^a edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2015

Depósito Legal: 378 500/14

Apoios Institucionais:



COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

CARLOS ERVEDOSA

***a literatura
angolana***

(resenha histórica)

1963

EDIÇÃO DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

LISBOA



Para

antónio jacinto

luandino vieira

antónio cardoso

e

alfredo margarido

Para

a geração da CEI



FLORESCE no solo angolano, com a pujança e a teimosia da vegetação que se renova na anhara consumida pela queimada, encontrando nas próprias cinzas o elemento vitalizador da seiva que lhe corre nas veias, uma literatura que, procurando ser especificamente angolana, caminha a passos largos para a conquista duma posição no conjunto da literatura universal. Literatura vasada na língua portuguesa, que transplantada para novas terras sofreu a influência do meio angolano, tomando um ritmo e formas próprias do falar das gentes de Angola, mormente nos centros populacionais mais antigos onde se processou um mais íntimo contacto de culturas, como Luanda e Benguela e suas zonas de influência. Fenómeno que encontra paralelo nas letras brasileiras e caboverdeanas.

É apenas da literatura chamada erudita que estamos tratando, pois os autóctones de Angola, desde os tempos mais recuados, são portadores duma riquíssima literatura tradicional que se vem transmitindo oralmente de pais a filhos através das suas línguas, sob a forma de contos, lendas, fábulas e poesias, mas que neste momento se encontra fora do âmbito dos nossos estudos.

As primeiras produções de um autor filho de Angola, de que há conhecimento até agora, remontam ao séc. xvii, segundo nos informa António Cadornega na sua «História Geral das Guerras Angolanas», e saíram da pena de um militar, o capitão António Dias de Macedo, que «tinha sua veyra de poeta». É provável a existência de outros literatos, porém, só a partir da publicação dos primeiros jornais angolanos, já na segunda metade do séc. xix, se começaram a proporcionar as condições para a manifestação do fenómeno literário.

Na história da literatura angolana salientam-se quatro grupos literários, qualquer deles tendo por berço a velha cidade de Luanda: o grupo literário de 1880 que deu vida à imprensa africana que conheceu na altura um notável desenvolvimento, o de 1896, ainda com predomínio do jornalismo como melhor forma de expressão mas já intencionalmente virado para a literatura, e os dois últimos, praticamente nos nossos dias, um em 1950 e o outro sete anos depois.

OS DOIS primeiros grupos literários angolanos, surgidos nos fins do século passado, eram exclusivamente constituídos por intelectuais negros e mestiços, normalmente autodidactas, que se denominavam por «filhos do País» e apresentavam a particularidade notável de se expressarem tanto no melhor quimbundo como no português mais puro, fenómeno a que o poeta Mário António, em recente ensaio, classificou de «bivalência cultural». Os últimos grupos, responsáveis pelo que de válido hoje aparece com o rótulo de «literatura angolana», incorporam já elementos brancos naturais de Angola, ou que nela se radicaram desde crianças, e exprimem-se em formas que reflectem uma mestiçagem cultural.

Sobre a personalidade e a obra das figuras pioneiras das letras angolanas, primeira expressão da consciência esclarecida dos filhos de Angola, foi caindo lentamente um espesso manto que as oculta quase por completo das gerações modernas. Nas páginas amarelcidas e traçadas dos jornais que os Museus arquivaram, nas prateleiras confusas dos alfarrabistas, na memória das gentes antigas que, uma a uma, se vão apagando, repousa, à espera de investigadores atentos, uma herança literária que cumpre divulgar.

Com a abolição do tráfico da escravatura, por decreto de 1836, e a sua substituição gradual por uma colonização baseada na agricultura e no comércio, a sociedade luandense foi-se estabilizando, formando-se uma burguesia africana, entendendo-se aqui por africanos «a população negra e mestiça cujo contacto com o europeu a tornava um elemento culturalmente distinto». A população europeia que no último quartel do séc. XIX habitou a cidade, era essencialmente constituída, diz-nos o historiador Júlio de Castro Lopo, por africanistas de permanência incerta no território, aventureiros, colonos forçadamente amarrados por necessidades económicas e contrariedades diversas à vida colonial, missionários e clérigos, soldados e degredados. Numéricamente inferior, — um censo de 1899 dá-nos conta de cerca de 5000 europeus para 23.000 africanos — disseminado pelos vários bairros da urbe, o homem branco, dado o reduzido número de mulheres da sua raça, viu-se na necessidade de se aproximar intimamente do agregado africano, com o qual se cruzou e constituiu família, determinando uma sociedade em que o mestiço, no declinar do século, teve preponderância. É

nesta sociedade que se gera a primeira elite angolense, que desenvolvendo a sua actividade profissional no comércio, no funcionalismo público e no foro, encontra no jornalismo florescente pelo decreto do Marquês de Sá da Bandeira — que tornava extensiva ao Ultramar a liberdade de Imprensa (1856) — o primeiro veículo para a expressão das suas aptidões literárias.

O BOLETIM OFICIAL que o governador Pedro Alexandrino da Cunha criara em 1845 e que foi a primeira publicação impressa em Angola, constituiu o ponto de partida para a proliferação do jornalismo, que haveria de encontrar nas décadas seguintes um forte incremento. Assim, em 1855 aparece a primeira folha com características de jornal, «A Aurora», e em 1866 é fundado por Urbano de Castro e Alfredo Mântua o semanário «A Civilização da África Portuguesa» que se bate contra as prepotências dos governantes e pela causa da abolição completa da escravatura, defendendo ainda os interesses económicos e administrativos da Província. Na esteira deste jornal se levantam muitos outros, na maioria de vida efémera, nos quais tanto europeus como africanos colaboram. Data de 1882 o aparecimento do primeiro jornal próprio dos africanos, «O Futuro de Angola», de Arcénio do Carpo, cujo exemplo abriria caminho ao despertar de novos órgãos, redigidos tanto em quimbundo como em português, «O Pharol do Povo», de Arantes Braga, o «Arauto Africano», de Carlos Silva, o «Muen'exi», de Castro Francina, o «Kamba ria N'gola», e ainda outros que nascem mesmo em povoações modestas do interior. É através desta imprensa viva que uma série de jornalistas africanos dá liberdade ao talento, preenchendo com os

seus artigos e as suas polémicas a vida intelectual de então. Bafejados pelas ideias liberais que sopravam na Europa, foram impiedosos na crítica à corrupção e à venalidade que então grassavam. Mas, temas de linguística, de história e etnografia angolenses, faziam ainda parte da colaboração desses jornais. Até nós chegam, envoltos pela neblina dos tempos e pelo esquecimento a que foram votados, nomes que sobressaíram, como José de Fontes Pereira, Mattoso da Câmara, Salles Almeida, Sousa Machado, João António de Magalhães, Pedro Félix Machado, João de Pinho, Cordeiro da Matta, etc.

Mas para além da absorvente actividade jornalística, muitos intelectuais sentiam já a necessidade de criação duma literatura própria. Disso nos elucida a passagem duma carta endereçada a Cordeiro da Matta pelo missionário e filólogo suíço, Héli Chatelain, um estudioso da língua quimbunda que passara por Angola:

«É preciso que os próprios filhos do país, cheios do santo zelo pelas cousas pátrias, desenvolvam a literatura nascente; e como a união faz a força, é mister que se reúnam os poucos que sentem na alma o fogo sagrado; é mister que este fogo queime e consuma as mesquinhas rivalidades e vaidades pessoais de modo que cada um se regozije da prosperidade do colega. Se o Netto, o Lino, o Pinho, o meu amigo, o Luís Bastos, e pouco a pouco mais outros trazem cada um a sua pedra para o edifício nacional, não pode este deixar de progredir e ser um monumento, não só à glória dos que o construíram, como à da nação para cujo serviço se levantou.»

Porém, apenas dois escritores deste primeiro movimento se dedicaram decididamente à literatura: Pedro Machado, que escreveu o romance «Scenas d'África» de

que temos conhecimento apenas por referência de um escrito da época, tudo levando a crer que não tenha atingido os nossos dias qualquer exemplar, e Cordeiro da Matta, que legou à posteridade um número razoável de obras, e sobre o qual Mário António lançou luz com o seu recente ensaio «A sociedade angolana do séc. XIX e um seu escritor». Publicou Cordeiro da Matta um volumoso livro de poesias, a que deu o nome de «Delírios», reunindo os seus poemas escritos entre os 16 e os 30 anos. Poesia incipiente feita ao gosto da época, como o atesta o fragmento do seu poema «Negra»:

*Negra! negra como a noite
duma horrível tempestade,
mas linda, mimosa e bela,
como a mais gentil beldade!*

*Negra! negra! como a asa
do corvo mais negro e escuro
mas tendo nos claros olhos
o olhar mais límpido e puro!*

.....

PROFUNDO conhecedor da língua mãe, foi ainda Cordeiro da Matta autor do livro «Filosofia popular em provérbios angolenses» e de um dicionário de Kimbundo-Português. Sabe-se que foi autor de vários romances cujos manuscritos andaram de mão em mão, mas que nunca chegaram a ser editados. Joaquim Dias Cordeiro da Matta pode, pois, ser considerado o primeiro grande escritor da história da literatura angolana.

Se atentarmos, porém, no número relativamente grande de gente interessada pelos problemas culturais e no entusiasmo que rodeava a actividade jornalística, poder-se-á estranhar não se ter registado neste período excepcional da vida do espírito em Angola, uma maior publicação de obras. Francisco Ribeiro Castelbranco, do grupo literário que apareceu posteriormente, em artigo publicado em 1903, procura uma explicação para o facto. Argumentava ele:

«A primeira coisa que naturalmente ocorre é que Angola nunca teve filhos com inteligência precisa para escrever um romance ou dar à estampa uma outra obra qualquer de literatura.

Puro engano!

A inteligência é inata nos angolanos, e dos escritores, filhos d'aqui, que encheram as colunas dos jornais da colónia e da metrópole com os seus veementes artigos, não havia nenhum só que a não tivesse cultivado.»

E, mais adiante, prossegue:

«Após várias considerações feitas de mim para mim cheguei à conclusão de que só um grande desejo de apontar à execração pública os desmandos e prepotências que campeavam infrenes por esta terra, podia obviar a que esses periodistas fizessem literatura. Na verdade os males que sempre atormentaram o país, e que ao que parece, formavam, no tempo em que floresceram esses escritores, um verdadeiro flagelo encham de indignação todo o homem recto. E, assim, esquecidos completamente de tudo que não fosse essa benemérita missão, os angolanos não deixaram vinculados os seus nomes senão em trabalhos de mérito, sim, mas — aqui de medíocre celebridade.»

E terminava as suas considerações com um apelo:

«É tempo portanto de sacudirmos esta apatia que é, por assim dizer, o nosso apanágio, e darmos, nós, os novos, o nosso contingente às livrarias, embora escasso em número e qualidade.

Avante, pois, mocidade angolana estudiosa!»

DESTE MODO, Luanda vê surgir, em 1896, um novo punhado de jovens intelectuais animados pelos mais elevados propósitos e entre os quais se destacariam Paixão Franco, Silvério Ferreira, Francisco Castelbranco, Vieira Lopes, Francisco Taveira, Apolinário e Domingos Van-Dúnem, Ernesto dos Santos, etc. É pela própria pena de Augusto Silvério Ferreira que tomamos conhecimento dos seus intuítos:

«Todo iniciado por rapazes novos ainda sem cotação no mundo das letras e sem nome na sociedade luandense. São estes que hão-de fazer a pátria de amanhã, de quem Angola deve esperar, não a grandeza mas um nome, embora de pouca monta, nos seus registos do séc. xx.

Na sábia Europa e na culta América a questão palpitante, o trabalho grandioso que este século deixa ao futuro é a emancipação da mulher e a paz geral por meio do desarmamento. — Estas teorias, que breve serão realidades, não podemos nós defendê-las por enquanto. A mulher angolana é ainda analfabeta; nove partes da população ainda vende os filhos e resolve as questões domésticas por meio de armas. A superstição, mercê da falta de orientação religiosa, impera despoticamente no seu espírito; crenças erróneas, usos disparatados, tudo o que há de mais baixo no espírito humano, é ainda preocupação de alguns cavalheiros que se dizem cultos. Vive-se no estado intermediário do racional e do irracional, um pouco mais para o lado deste. Não deve, por isso,

causar estranheza que nesta terra o culto feminista não tenha devotos e que o ideal sacrossanto da paz não tenha adeptos. Os poucos que trabalham pensam na instrução: este é o seu culto, o seu ideal.

Uma pléiade de moços enérgicos levantou-se um dia movida pelo espectáculo desolador que se desenrolava ante si, e resolveu trabalhar pela terra que lhe dera o ser, pregando e difundindo instrução.»

Todos eles tocados profundamente pelos ideais republicanos que na velha Europa iam arrastando as multidões e que em Portugal encontravam guarida e porta-voz nos seus melhores pensadores e tribunos, os temas predilectos desta geração foram a Liberdade, a Justiça, a Razão, a Instrução. Idealistas dos mais puros, batiam-se com o mesmo fogo sagrado dos homens que, de arrancada em arrancada, iam preparando o advento da República em Portugal. Silvério Ferreira pregava:

«A humanidade desagrilhada pode já caminhar para o progresso sem preconceitos de raça, sem dogmas de religião; vendo a atitude do espírito do homem nas arrojadadas empresas do génio, e curvando-se submissa à memória dos Hugos e à personalidade dos Junqueiros. Terá um credo: o saber; sobre os altares pôr-se-á a effigie dos grandes lutadores pelo desenvolvimento intelectual; os filósofos serão mais humanos, os pensadores mais consentâneos com os princípios da bondade.

Desaparecerão as tabernas e abrir-se-ão oficinas; as cadeias cederão o lugar às escolas, e por toda a parte ver-se-á um novo estandarte com um só lema: «Ciência e Paz». Paz na aldeia e na cidade, nos países como no mundo, e, sobretudo, paz nas consciências!...»

Pedro da Paixão Franco, exortava:

«Não sejamos indignos do século das luzes em que nascemos. Que aprenda cada um à sua custa e mostre o que sabe, para que os homens das emboscadas na noite da ignorância se convençam uma vez para sempre que o rebanho de carneiros vai desaparecendo.

Ou cidadãos ou capachos.»

EM 1902, sob a direcção de Paixão Franco, é publicado o primeiro número de «Luz e Crença», colectânea de ensaios literários de colaboradores vários e que reunia ainda contos, poesias, temas de história e economia angolenses, biografias, charadas — que pela profusão deviam constituir na época um apreciado jogo intelectual —, e ainda transcrições de textos de conhecidos escritores revolucionários europeus: Victor Hugo, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Garibaldi, etc.

A poesia encontrava já um maior número de adeptos a render-lhe culto. Poesia lírica como a de Jorge Rosa:

*Outrora, quando criança, as ilusões
que conservo qual herança valiosa,
guardava-as no coração de minha mãe
e minh'alma voava rindo, tão vaidosa...*

*Anos depois, pelas margens do Zaire
nos palmares, sentia a brisa dolente;
ansioso lhe ouvia seus tristes cantos
e nas meigas relvas ficava dormente.*

.....

e poesia social, como a de Lourenço do Carmo Ferreira:

.....

*Reinava a harmonia; o Sol da Igualdade
já de luz inundava a livre humanidade.*

*E minh'alma sorria e sentia em meu peito
o bem estar imenso do amor satisfeito.*

*E que belo deve ser para o peito angolano
ver vingar o Direito e a queda do tirano?*

.....

Em 1903 Paixão Franco edita o seu segundo e, supomos, último número de «Luz e Crença», norteado pelos mesmos princípios: «A Ordem pela Liberdade, a Liberdade pela Justiça». É nele que encontramos pela primeira vez um artigo da autoria da mulher angolana. Encobridor-se sob o pseudónimo de «Severine», uma simpática angolana expunha há sessenta anos, com notável oportunidade ainda nos dias de hoje, a missão que à mulher cabe na sociedade moderna:

«A educação da mulher africana, angolense principalmente, ainda está muito raquítica, por isso geralmente nunca acompanhamos os nossos irmãos no movimento social, mas cumpre a eles, aos nossos irmãos e maridos, educar-nos e depois iniciar-nos no movimento, porque se não fará esperar a hora de compreendermos todas, todas

nós mulheres africanas, que é indispensável segui-los, se não para mais, pelo menos para animá-los nesse grande movimento, porque o amor de esposa, o amor de irmã pode muito.»

Mas além de «Luz e Crença» existia ainda outra publicação, os «Ensaio Literários», dirigida por Francisco Castelbranco, e orientada no mesmo sentido. Servindo de cúpula a toda esta actividade literária, Augusto Silvério Ferreira organiza e funda, com a colaboração dos seus camaradas, a «Associação Literária Angolense», cuja inauguração se reveste da maior solenidade, provocando o acontecimento grande sensação no meio. A «Associação Literária Angolense», além de centro coordenador e impulsor da literatura local, possuindo para o efeito um jornal, «A Juventude Literária», tinha como ponto fundamental do seu programa a educação do povo de Angola.

Se nos lembrarmos que, concomitantemente, proliferava uma imprensa activa na qual os mais variados problemas angolanos eram expostos e debatidos com elevação e entusiasmo, e da luta política em que ardorosamente se empenhavam em defesa dos seus ideais e na conquista das suas mais caras aspirações e direitos, poderemos ficar com uma noção mais perfeita do que foi o dinamismo da sociedade luandense no dealbar deste século.

Apesar da intenção do grupo que pôs em marcha o movimento de 1896, a sua contribuição para uma literatura angolana não passou, ainda desta vez, de pequenos ensaios e poemas incaracterísticos, dispersos por jornais e revistas. O primeiro grande romance angolano, «O Segredo da Morta», pertenceria de facto a um homem dessa geração, António de Assis Jr., mas surgiria tardiamente,

em 1934, quando os ecos do movimento se tinham esbatido há muito e a própria sociedade africana de que era fruto se ia esboroando. «O Segredo da Morta» dá-nos com a maior fidelidade o retrato dessa sociedade que em Luanda e nas zonas comerciais de que era testa, povoações servidas pelo curso do Quanza, como Bom-Jesus, Muxima, Dondo, etc., foi um esboço de lusotropicalismo em terras de Angola.

COM O INÍCIO do nosso século, acompanhando o desenvolvimento progressivo da Província, começa a desenhar-se uma maior tendência de fixação do europeu, que viria, lentamente, a modificar as estruturas da sociedade luandense. O crescimento do número de famílias europeias completas e, fundamentalmente, o aumento da proporção de mulheres brancas (de 1/10 em 1830 passaria a 1/1 cem anos depois), começa a levar o homem branco a não necessitar de procurar a mulher negra, o que determinaria, progressivamente, um desnível nos grupos humanos em presença. Começam, entretanto, a nascer os primeiros «filhos do País» de raça branca, que mais tarde viriam a ter papel relevante no movimento literário que em 1950 haveria de eclodir. Mas a chegada e fixação de grande número de europeus determinaria, não só uma alteração biológica na sociedade, mas também económica, pois passariam a fazer uma séria concorrência nas diferentes profissões que até aí eram desempenhadas quase exclusivamente por africanos, concorrência que hoje chega ao nível de criados de café, cauteleiros e ardinias. Por estas razões e por outras que cabem aos sociólogos averiguar, o que é certo é que a sociedade africana que atingira um grau razoável de desenvolvimento económico e de

brilhantismo intelectual, entrou num processo de decadência que se viria a acentuar nos últimos vinte anos.

Porém, no período que decorre entre 1925 e 1940, sensivelmente, Luanda é ainda uma pacata cidade provinciana em cuja sociedade euro-africana a alta burguesia é praticamente nula, desenvolvendo-se uma classe média que englobava tanto europeus como africanos (6 000 brancos, 5 500 mestiços e 39 000 negros segundo o censo total), ganhando à custa de muito labor o pão quotidiano. Nos diferentes bairros moram ainda, lado a lado, famílias europeias e africanas, quer em casas do chamado tipo colonial e que o progresso urbanístico vem dismantelando, quer em habitações mais modestas de adobe e telhado de zinco. Grandes quintais com árvores de fruto, ruas de terra batida ou empedrada, com raros lampeões de onde em onde, pondo os insectos loucos na noite. Depois de um esgotante dia de trabalho, após o jantar, as famílias puxavam cadeiras para a rua, junto à porta de entrada, e aí gozavam a brisa nocturna que vinha suavizar o calor obsidiante do dia, ou então, em curtos passeios, iam de janela em janela trocar uns dedos de conversa com os vizinhos. Os garotos, negros, brancos ou mestiços, aproveitavam o tempo à luz do luar ou das estrelas, para fazer jogos de roda, brincar às escondidas ou contar excitantes histórias de aventuras, com quifumbes, quilambas e cazumbis à mistura, até à hora em que as mães, em altos chamamentos, os obrigavam a recolher a casa.

NOS MUSSEQUES, ocupando a periferia da cidade, em cubatas de barro e chapas, semeadas a esmo, morava a grande massa da população negra de menores recursos, serventes, criados, contínuos, lavadeiras, quitandeiras,

que todos os dias, mal o sol fazia adivinhar a sua presença, desciam à cidade Baixa no cumprimento das suas obrigações. Nas noites de sábado, recebida a fêria, encontravam no batuque à luz de fogueiras e archotes, o lenitivo para uma dura semana de trabalho. Na época do carnaval os vários musseques, Rangel, Sambizanga, Terra Nova e todos os outros, esmeravam-se na organização das suas danças representativas, em busca duma supremacia que lhes daria fama durante o ano todo. Os ensaios começavam cedo, quando os muxixes entreabriam seus ouriços dourados e as pírrulas nos braços dos imbondeiros anunciavam as primeiras chuvas que pintam de verde os barrocais sangrentos da cidade.

As danças constituíam o folclore de Luanda e representavam uma corte, com o seu rei e a sua rainha, os seus cortezãos, os guerreiros, os feiticeiros e, em grande número os vassallos, todos mascarados, com artifícios africanos e europeus. Ao som de um conjunto musical típico em que sobressaíam a n'goma, a dicanza, a puíta, os chochalhos e os apitos que marcavam o quente ritmo africano, os dançarinos desenhavam no areal os mais fantasiosos passos. Cada dança tinha o seu hino próprio, entoado tanto em quimbundo como em português, naquele doce português com sotaque de negro. A «Cidrálea», uma das mais populares, em disputa directa com «Os Invejados», enchia as ruas com o seu coro alegre:

*Cidralha tem um romance
que conta toda a vida triste,
vida triste daquele que ama,
vida triste daquele que chora.*

*Cidralha é importante,
Cidralha vai p'ra guerra,
Santa Maria nos acompanha,*

.....

À luz de petromaxes e archotes, mal o sol ardente se escondia por detrás da fortaleza e qual bola de fogo se afundava nos reinos de Mutacalombo, colorindo de laranja as nuvens que corriam no horizonte, desciam à Baixa, com seus estandartes à frente

*Fineza entrar na cidade bem armada
acompanhemos o rei e a rainha
o povo a cantar com alegria
levando a bandeira da vitória*

e ali dançavam, de rua em rua, até de madrugada, conquistando a cidade que confiantemente se entregava e aderia. Todo o kamundongo dessa Luanda de então recorda hoje com saudade esses belos tempos do antigamente.

Foi neste ambiente de harmonia racial que nasceram e foram criados os meninos de todas as raças que, atingida a maioridade, lançariam em 1950 o «Movimento dos Novos Intelectuais de Angola». Mas enquanto cresciam à sombra acolhedora de mulembas e acácias cujos ramos maternalmente protegiam todos os seus filhos, à sua volta iam-se acumulando as nuvens que mais tarde desencadeariam a mais violenta tempestade que até hoje assolou a terra angolana.

Como já aqui afirmámos, o jornalismo do último quartel do séc. XIX, beneficiando da liberdade de imprensa de que gozava, foi particularmente brilhante, distinguindo-se nele uma pléiade de publicistas, tanto europeus como africanos, em grande maioria perfilhando os ideais da República, cuja implantação, em 5 de Outubro de 1910, é acolhida com grandes manifestações de regozijo. Com as alterações das condições de vida que se iam processando em Angola, vai-se assistindo, contudo, ao estiolamento dos jornais de africanos. Por outro lado, a imprensa, que por volta de 1920 era ainda animada pelas controvérsias ideológicas e fruto de equipas de amadores, começa a conhecer as primeiras formas de profissionalismo até atingir o grau de industrialização dos tempos actuais. À roda de 1930, finalmente, a instituição da censura prévia à imprensa é o dobre de finados para o buliçoso jornalismo africano. Em 1934 aparecia ainda a revista «Angola», «revista mensal de doutrina, estudo e propaganda instrutiva», propriedade da Liga Nacional Africana, que ao longo de 20 anos de publicação irregular, procurou despertar da sonolência em que caíra a elite africana. Mas as condições que no século passado determinaram o esplendor dessa sociedade tinham-se modificado e os esforços dos mentores da citada Revista foram baldados.

NAS DÉCADAS de 30 a 40 assiste-se a uma invasão das páginas dos jornais de produções de nível geral fraco, em que o exotismo africano é o filão explorado pelos metropolitanos que as contingências da vida atiraram para as terras promissoras de Angola. Neste período de vinte anos há, contudo, alguns nomes que se destacam e cujas

obras são marcos na história da literatura angolana. Tomaz Vieira da Cruz, oriundo das lezírias ribatejanas, que foi o primeiro poeta branco a compreender e a sentir o drama da raça negra, com quem, aliás, constituiu família e deixou descendência. O melhor da sua poesia encontra-se reunido nos seus três livros principais: «Quissange — Saudade Negra», «Tatuagem» e «Cazumbi». Pela primeira vez um poeta cantou de forma superior as belezas e as desventuras de uma raça, pecando embora por um fatalismo doentio:

*Mais bela do que tu só a desgraça
que sofro por sentir que a tua raça,
o mundo — e a própria morte abandonou.*

.....

*Haveis de caminhar, sempre caminhar,
que nunca terá fim o vosso inferno!
— Não existe humanidade,
e o mundo foi sempre assim!*

A sua musa inspiradora foi a mulata, a sua «flor de bronze», a quem dedica apaixonadamente o melhor da sua poesia lírica:

*Mulata da minha alma,
bataque dos meus sentidos,
meus nervos encandecidos*

vibram por ti, sem ter calma

.....

*Os teus defeitos são graças
que mais me prendem querida...
Mistério de duas raças
que se encontraram na vida.*

Vivendo na época difícil da colonização, em que o colono a braços com a crise provocada pela baixa cotação dos produtos coloniais era ainda dizimado pela biliosa, pela doença do sono e pelo paludismo, numa época em que a sobrevivência pelo interior do território tinha acordes de epopeia, o poeta oferece-lhe igualmente um dos seus melhores poemas, «O Colono», cujo final transcrevemos:

.....

*Foi o primeiro em tudo,
na dor e no Amor,
na honra e na Saudade,
porque nunca mais voltou...*

*E nas terras de toda a gente
e de ninguém...
— estranha criatura! —*

*... foi sua também
a primeira sepultura!*

Mas Tomaz Vieira da Cruz foi também um poeta épico. Ainda não há muito, a data da Reconquista de Angola aos holandeses era comemorada com a maior solenidade, integrando-se nos festejos romagens aos locais que foram teatro de lutas de resistência ao invasor. Em «Romagem a Quicombo», o poeta canta:

*Vinham do rio Longa e da Quissama
todos que têm por lá seu grande amor
à santa da Muxima que os inflama,*

*em fé ardente, e crente, e milagrosa.
Vinham os Sobas de passadas guerras
com sua corte altiva e caprichosa;*

*e moças lindas, cor da noite escura,
negras flores do exílio em que te encerras,
ó minha Angola imensa, ó formosura!*

*E bandeiras daquelas mais festivas,
certo dia tornadas prisioneiras,
ali regressam, livres e altivas.*

*Quando elas passam, com seu ar contente,
batem palmas as palmas das palmeiras,
e o sol, subindo alto, é mais ardente!*

.....

JÁ NA DÉCADA de 40, Castro Soromenho inicia a publicação dos seus livros de contos, lendas, novelas e romances, fruto da experiência da sua vida do mato em contacto com o negro da Lunda distante com o qual lidou desde muito cedo, recolhendo com o cuidado e prudência do etnógrafo e a perspicácia do sociólogo sério, o material para as suas obras. Iniciando a sua actividade literária com temas que mergulham na vida das sociedades tribais em que o branco se encontra ainda ausente, publica os livros de contos «Nhari», «Calenga» e «Rajada», e os romances «Noite de Angústia» e «Homens sem Caminho». E o autor acaba por atingir a plenitude de escritor com os romances «Terra Morta», editado pela Casa dos Estudantes do Brasil em 1949, que imediatamente conhece a primeira tradução em francês sob o título «Camaxilo», e com «Viragem», que recentemente recebeu a honra de tradução pela famosa editora francesa Gallimard. Tanto «Terra Morta» como «Viragem» abordam já as relações do colonizador com o colonizado, e se o primeiro pode ser considerado a sua obra-prima pelo realismo e intensidade dramática admiravelmente conseguidos, o segundo é já formalmente o produto dum escritor adulto que domina com mestria a técnica romanesca.

É nesta década que desponta outro nome para a poesia angolana, Geraldo Bessa Victor, cujo primeiro livro, «Ao Som das Marimbas», deixava prever um poeta de largo futuro. «Ao Som das Marimbas», com todos os defeitos de um livro de estreia dum escritor inexperiente

que recorre por vezes ao exotismo de efeito fácil, apontava um poeta de real sensibilidade africana. Porém, a sua partida para a metrópole onde acabaria por se radicar, leva-o a trocar a musa africana pela europeia e quando, mais tarde, em 1957, retorna aos temas africanos, é já um quissanje desafinado que o poeta dedilha. Publica ele então o seu livro «Cubata Abandonada, de nível medíocre, mas que a Agência Geral do Ultramar escolhe para a atribuição do prémio Camilo Pessanha. Será curioso assinalar ainda, que Manuel Bandeira, o grande poeta do país irmão, aceitou prefaciá-lo nos termos mais elogiosos, mas, como afirmou M. António, Manuel Bandeira pode dar-se a todas as fantasias que nada empana o brilho da sua obra poética, monumental e intocável. Até a de prefaciá-lo um livro que não tem, sob qualquer aspecto, um mínimo de valor.

NA SECULAR cidade de S. Felipe de Benguela, irmã gémea de Luanda, um poeta solitário, Aires de Almeida Santos, compunha os seus cantos à sua cidade mestiça. Como os poetas da capital, na sua poesia sobressai o amor entranhado à cidade natal e a saudade do paraíso perdido da infância. Do seu canto emana o sortilégio da velha Benguela com o seu bairro Benfica, a sua praia Morena, as suas acácias velhinhas e as suas gentes de cunho tão peculiar. Sem qualquer livro publicado, os seus poemas «A mulemba secou», «Quem tem o canhé?», «Meu amor da rua onze», «O colar de missangas», ganharam, contudo, grande popularidade

*Tenho saudades do tempo
Em que corria descalço*

*Pelas areias do rio;
Comigo, os meus companheiros
Também descalços, correndo,
A correr ao desafio.*

*Tenho saudades do Largo
Onde estava a minha casa,
Com mulembas altaneiras;
Tenho saudades das sombras
Com que os seus ramos cobriam
Sempre as nossas brincadeiras.*

.....

NO CAMPO da ficção encontramos ainda outro escritor, Óscar Ribas, conhecedor profundo da psicologia e vida dos nativos da região de Luanda, que começa por esta altura preparando o material para a elaboração de uma das obras mais representativas da literatura angolana, o romance «Uanga» que, com o livro de contos «Ecos da Minha Terra», é lançado a público nos primeiros anos de 50. Em «Uanga» encontramos retratada com mão de mestre a sociedade africana do fim do século passado, com o seu folclore, as suas superstições, o seu linguajar e as suas formas de relação. «Uanga» e «O Segredo da Morta», do já citado António de Assis Jr., são, ainda que tardiamente erguidos, os padrões da descoberta da literatura angolana pelos escritores das gerações passadas. Uma reedição crítica destas duas obras é tarefa que se impõe, para que sirvam de estudo aos jovens escritores

que procuram hoje uma forma de expressão eminentemente angolana.

Chegámos, entretanto, ao após-guerra. Sobem vertiginosamente as cotações dos produtos coloniais, o café e o sisal são pagos a peso de ouro dando origem às primeiras grandes fortunas de Angola que se torna de repente no El Dorado africano. Enche-se a cidade de gente nova vinda da metrópole em busca de melhores condições de vida, as casas de adobe e zinco e quintalões de gajajeiras e pitangueiras com pimplaus cantando felizes nos ramos, dão lugar a prédios luxuosos e caros, são derrubadas as acácias rubras que enchiam de poesia a cidade e o asfalto dá o tom predominante às novas artérias. Os musseques, ampliados e superlotados com novos habitantes atraídos do mato pela miragem da cidade, distam cada vez mais do centro da cidade, empurrados consecutivamente sempre para mais longe, enquanto uma multidão de emigrantes desce dos barcos que sem cessar atracam ao novo cais, trazendo das suas terras novos costumes e novas ideias. As quitandeiras de panos garridos e quinda à cabeça com fruta gostosa — cajús vermelhos e amarelos, mangas, tambarinos, mucefos e melaços, maboques docinhos... — deixam de alegrar as ruas com os seus pregões e nas noites enluaradas não mais se ouviram como antigamente, enquanto as famílias sunguilavam, as crianças jogando e cantando nos terreiros:

Kopué, ianda loda...

Ku Putu, ianda loda...

Ku Musambe, ianda loda...

Ku a Kuaku, ianda loda...

.....

A cidade pacata de antigamente desdobra-se numa cidade europeia, moderna e limpa, cercada por outra miserável e suja, a africana. Mas a chegada maciça e brusca de emigrantes europeus, além das consequências biológicas e económicas já apontadas, teria também inevitáveis reflexos no campo cultural. Eles cilindram, umas vezes inadvertidamente, outras deliberadamente, a mestiçagem cultural que se fora caldeando ao longo de alguns séculos de contacto, e procuram substituí-la, animados de evidente espírito retrógrado, pelos figurinos de que eram portadores. As tradicionais danças não voltam a descer à cidade nas noites de carnaval e restritas às suas áreas agonizam de ano para ano e sucumbem sob a pressão de limitações cada vez maiores. Esbatem-se na distância os últimos ecos da sua alegria contagiante e apenas em nós, meninos de então que de olhos muito abertos e coração alvoroçado as esperávamos ao cair da noite, sentados nos degraus da porta, ressoa ainda nítida e saudosamente:

Cidralinos com toques do swing
Cidralinos com toques do swing
Vamos dançar para a alegria do carnaval
Vimos pedir as boas-festas
Vimos pedir as boas-festas
Viva Cidrália com grande animação
Adeus seu povo
Cidralino vai p'ra guerra.

Em seu lugar passam a desfilar em dias festivos, ranchos folclóricos com viras, fandangos, corridinhos... Troam foguetes e morteiros, rufam «zés pereiras», saracoteiam-se «cabeçudos». E os bairros da cidade, a Maianga, o Bungo, a Vila Alice e os outros, preparam as suas marchas ao sabor alfacinha. Arcos e balões, rapazes e raparigas e aí vai Lisboa... Mas o menosprezo pelos valores locais vai mais longe, e deste modo vestem o nativo com os trajos regionais metropolitanos e põem-no a desfilar, confuso e ridículo, perante o gáudio da assistência e a satisfação dos organizadores, que serão muito felicitados pela criação de tão caricatos minhotos e campinos de raça negra. Não queremos dizer com isto, note-se bem, que sejamos contrários às manifestações artísticas dos grupos étnicos metropolitanos que para Angola se deslocaram. O que se pretende é que sem atropelos se organize uma sociedade em que todos os grupos humanos se integrem harmoniosamente. São do Prof. Jorge Dias, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, as palavras que a seguir transcrevemos: «Sempre que um grupo social portador de valores culturais entra em contacto com outro grupo portador de valores culturais diferentes, surgem conflitos de cultura. O conflito resulta geralmente da tentativa de eliminação ou transformação dos valores do grupo mais fraco, considerados perigosos, imorais ou ofensivos. Os resultados desses conflitos são vários, podendo em certos casos exercer efeitos desintegrantes sobre as culturas em contacto, ou dar lugar a conflitos mentais, mais ou menos graves. Quando o grupo

mais forte conduz com habilidade a sua acção assimiladora, os conflitos vão-se aplanando e aos poucos estabelece-se um processo de aculturação que, com o tempo, pode dar origem a uma cultura nova em que todos os elementos sociais dos dois grupos em presença se integram, acabando por se tornar portadores de uma herança social comum, fruto da aculturação dos elementos anteriormente em conflito.»

EM 1948, aqueles meninos que eram filhos da terra e que se tornavam homens, tomam consciência da sua qualidade de angolanos e lançam o grito: «Vamos descobrir Angola!» Que tinham em mente? Estudar a terra que lhes fora berço, em todos os campos, desde a geografia física à geografia humana. Eram ex-alunos do liceu que recitavam de cor todos os rios, todas as serras, todas as estações e apeadeiros das linhas férreas de Portugal, mas que mal sabiam os afluentes do Quanza que corria a seu lado, as suas serras de picos altaneiros, os seus povos de hábitos e línguas diversas, que liam e faziam redacções sobre a beleza da neve ou o encanto da Primavera que nunca tinham presenciado, que desenhavam a pera, a maçã ou a uva sentindo apenas na boca gulosa o sabor familiar apetecido da goiava, da pitanga ou da gajaja, que interpretavam as fábulas de La Fontaine mas ignoravam o fabulário, os contos e as lendas dos povos da sua terra, que sabiam com precisão todas as datas de todas as façanhas de D. Afonso Henriques, mas nada sobre a rainha Jinga ou o rei Ngola.

Enquanto estudam o mundo que os rodeia, o mundo angolano de que eles fazem parte mas que tão mal lhes ensinaram, ressalta a necessidade de uma literatura que fosse a expressão da sua maneira de sentir, que fosse

o veículo das suas aspirações, uma literatura que fosse uma afirmação de presença, uma literatura de combate àqueles privilegiados que nas páginas dos jornais, dos livros, na rádio, só tinham olhos para as belezas das terras do Marão ou do Tejo e à sua semelhança procuravam reduzir tudo. Uma literatura que fosse verdadeiramente angolana, que acabasse de vez com os pretensos «escritores angolanos» que de Angola só tinham uma falsa imagem de turistas apressados.

Maurício de Almeida Gomes, angustiado, já interrogara:

*Mas onde estão os filhos de Angola
se os não oiço cantar e exaltar
tanta beleza e tanta tristeza,
tanta dor e tanta ânsia
desta terra e desta gente?*

E os filhos de Angola respondem com a formação do «Movimento dos Novos Intelectuais de Angola», dois anos depois, em 1950. Através da Associação dos Naturais de Angola editam a revista literária «Mensagem», cuja colaboração é inteiramente da sua autoria.

Humberto da Silvé proclamava:

*Cantar África não é enaltecer, lascivamente,
as belezas das negras de seios tímidos,
perdidas pelos musseques e pelas libatas,
não é cantar coqueiros esguios, luares de prata,*

baladas românticas cheias de ais!

*Como se África fosse, apenas, um manancial de
[sensualismo
e os seus habitantes não sofressem algo de mais alto
que febres bacanais misturadas de marufo e exotismo!*

António Jacinto, de corpo franzino mas com a força telúrica no sangue, afirmava bem alto:

*Quero cantar e cantarei
Toda esta humana ânsia louca
A mão que me cerrar a boca
Não impedirá o canto que sei!*

O «Movimento dos Novos Intelectuais de Angola» foi essencialmente um movimento de poetas virados para o seu povo, utilizando nas suas produções uma simbologia que a própria terra exuberantemente oferece. O vermelho revolucionário das papoilas dos trigais europeus, encontraram-no os poetas angolanos nas pétalas de fogo das acácias e a cantada singeleza das violetas, na humildade dos «beijos-de-mulata» que crescem pelos baldios ao acaso. Os seus poemas trazem o aroma variado e esbanteante da selva, o colorido dos poentes africanos, o sabor agri-doce dos seus frutos e a musicalidade nostálgica da marimba. Mas vêm também palpitantes de vida, com o cheiro verdadeiro dos homens que trabalham, o gosto

salgado das suas lágrimas de desespero e a certeza inabalável na madrugada que sempre raia para anunciar o novo dia.

A POESIA deste movimento é social, reivindicativa, feita por poetas de todas as raças que irmanados num mesmo coro pugnam pelos mesmos ideais. Corajosamente, com a força e a generosidade da juventude, eles apontam o caminho justo, indiferentes às incomodidades que daí lhes possam advir. Tal como diria Francisco José Tenreiro, poeta santomense: «Incomodidade na medida em que a Poesia, sendo a linguagem pura dos homens, lança o poeta na crista dos anseios, das angústias e das alegrias dos próprios homens. Antes do sociólogo, antes do político ou do economista, o poeta está vendo e está denunciando todo um processo de transformação social. Daí o poeta ser incómodo e isso transformar-se em incomodidade para o próprio poeta. Não é por mera coincidência que os poetas povoam ao lado dos políticos, por essa Europa fora, as prisões. Porque o poeta é um político? Sem dúvida: o poeta é Homem.»

Agostinho Neto cantava:

*As minhas mãos colocaram pedras
nos alicerces do mundo
mereço o meu pedaço de pão!*

Alda Lara, como que em resposta, escrevia:

*Que o meu coração
se abra à mágoa das tuas mágoas
e ao prazer dos teus prazeres.
Irmão*

*Que as minhas mãos brancas se estendam
para estreitar com amor
as tuas longas mãos negras...
E o meu suor
se junte ao teu suor
quando rasgarmos os trilhos
de um mundo melhor!*

Publicaram-se apenas dois números da «Mensagem», mas o suficiente para que a semente lançada à terra germinasse, criasse raízes e se desenvolvesse numa mafumeira portentosa, que indiferente às ervas daninhas que crescem à sua volta, resiste às inclemências do tempo e dos homens. No seu tronco estão gravados, em incisões mais ou menos profundas, além dos já citados, os nomes de Viriato da Cruz, Mário António, Bandeira Duarte, Alcântara Monteiro, Mário de Andrade, Leston Martins, Lília da Fonseca, Antero Abreu, Tomaz Jorge, Ermelinda Xavier, Alexandre Dáskalos e António Cardoso.

Factores poderosos levaram o Movimento a terminar a sua actividade literária. A «Mensagem» foi suspensa e o grupo dissolveu-se. António Jacinto lançava entretanto o seu canto de esperança:

*Mas talvez um dia
quando as buganvílias alegremente florirem
quando as bimbis entoarem hinos de madrugada nos
[capinzais
quando a sombra das mulembeiras for mais boa
quando todos os que isoladamente padecemos*

*nos encontrarmos iguais como antigamente
talvez a gente ponha
as dores, as humilhações, os medos
desesperadamente no chão
no largo areal batido de caminhos passados
os mesmos trilhos de escravidões
onde passa a avenida que ao sol ardente alcatroámos
e unidos nas ânsias, nas aventuras, nas esperanças
vamos então fazer um grande desafio...*

Abafadas as grandes danças carnavalescas que constituíam o mais autêntico folclore luandense, começaram a ouvir-se nas noites quentes dos musseques pequenos agrupamentos musicais de 4 ou 5 elementos, tocando e cantando quer as suas alegrias, quer as suas mágoas:

*Este mundo anda empenhado
Em me afastar
Não sei qual a razão
Se capricho ou embirração
Eu não lhe acho razão
Se o mundo a razão me explica
Eu imploro perdão...*

.....

Nas noites ansiosamente esperadas de fim de semana, em terreiro perdido no emaranhado de qualquer musseque, à luz de candeeiros de petróleo pendurados nas barbas de uma mulemba ou no tronco de frondosa mandiocqueira, as farras estendem-se até ao alvorecer de domingo, com mufete, muzongué e outros mimos da terra, regados com garrações de vinho e quitoto. O conjunto «Ngola Ritmos», sob a direcção de (Liceu) Vieira Dias, recolhe esse folclore e recriando-o com um tratamento musical em que a viola faz a sua aparição ao lado dos instrumentos africanos, difunde a nova música pelos meios mais evoluídos de Luanda cujos naturais são por ela imediatamente seduzidos, atinge a rádio local e chega à metrópole onde o «Trio Ouro Negro», com maior ou menor fidelidade, começa gravando os primeiros discos comerciais.

COM A ELIMINAÇÃO da «Mensagem» e a dissolução do Movimento que lhe deu corpo, os poetas interromperam o seu canto e remeteram-se a um silêncio que perdura, na maioria deles, ainda nos dias de hoje. Tudo quanto produziram e que é o que de melhor vem incluído em antologias de poesia angolana, já com traduções por esse mundo fora, remonta aos anos de 50 a 53. Do grupo da «Mensagem» apenas o então jovem Mário António continuaria a poeatar, editando os seus livros «Poesias» (1954), «Poemas & Canto Miúdo» (1959) e «Amor» (1960).

Nos sete anos que medeiam a aparição de «Mensagem» (1950) e o novo jornal literário «Cultura», que viria

a ser o elemento aglutinador duma nova camada de jovens que conscientemente assimilaram a lição dos «Novos Intelectuais de Angola», dois escritores foram isoladamente construindo a sua obra. Óscar Ribas, já citado anteriormente, que na década de 50 publica o romance «Uanga» e o livro de contos «Ecos da Minha Terra» e, com o patrocínio do Museu de Angola, os livros «Misso» e «Misso», repositórios dos contos tradicionais dos povos da região de Luanda.

Por outro lado, um jovem médico natural de Luanda, mas que muito cedo deixara a terra-mãe para na metrópole fazer o liceu e o curso superior, Ernesto Cochat Osório, regressa ao seu meio e apresenta o livro de poesias «Calema» e o de contos «Capim Verde», os quais, contrariamente ao que os títulos sugerem, não representam nada de tipicamente angolano. Embora dotado de reais qualidades literárias e animado dos mais elevados ideais humanos, a longa ausência a que esteve submetido não lhe permite abordar a problemática angolana e por isso toda a sua criação está mergulhada na temática da metrópole. Com a ausência de Tomaz Vieira da Cruz, que viria a morrer em Lisboa em 1959, Cochat Osório começa a ser guindado pelos órgãos da informação ao lugar cimeiro da poesia angolana, em detrimento daqueles que em «Mensagem» se revelaram os seus mais legítimos representantes.

Perante o esbulho que se praticava, os intelectuais angolanos reagiram prontamente, o que ocasionaria, durante algum tempo, atritos com o próprio Poeta. Mas Cochat Osório possuía qualidades inatas de escritor e, com um maior conhecimento do meio e reatado o encontro com

o seu povo que ele começa igualmente a amar, torna-se-lhe possível em 1960 escrever o livro «Cidade», longo poema dedicado à sua terra natal, em que o autor se aproxima já da linha da «Mensagem» e da «Cultura», com cujos elementos nos últimos anos se solidariza, contribuindo com o seu real valor e a sua qualidade de escritor íntegro, para a defesa da verdadeira literatura angolana.

EM 1957 a Sociedade Cultural de Angola inicia a publicação do seu jornal «Cultura» que, na senda de «Mensagem», continuaria edificando em bases sólidas a literatura angolana.

No seu primeiro número, «Cultura» afirmava em editorial:

«Não é apenas de hoje a necessidade de um jornal de cultura em Angola. Do mesmo modo, não é apenas de hoje, também, o aparecimento de um jornal cultural em Angola.

Noutras épocas, outros homens, realizaram a mesma tarefa. Porém, há vários anos, em virtude de circunstâncias que não interessa agora referir, não existe em Angola qualquer órgão cultural, especificamente cultural.

No entanto, os problemas continuaram a sua marcha inexorável e os homens continuam presentes, portadores, já agora, de novas necessidades, novos anseios e novas coragens. Também maiores em número, conseqüentemente, em qualidade. Mais conscientes, mais aptos e mais responsáveis. Características que se foram afirmando, mercê da agudização de certos problemas, cujo processo vem lá de trás.»

Durante dois anos, que foi o período de vida permitido ao novo jornal, publicaram-se 12 números de bom nível cultural, com uma colaboração que ia desde a científica, normalmente a cargo de intelectuais progressistas metropolitanos residentes em Angola, à literária, esta exclusivamente preenchida pelos escritores locais. Uma nova fornada de poetas, contistas, críticos, etnógrafos e ilustradores se revelam nas colunas de «Cultura». Poetas como Arnaldo Santos, Costa Andrade, João Abel, Manuel Lima, CAOBelo, Ernesto Lara, contistas como Luandino Vieira, Mário Guerra, Helder Neto, Henrique Lopes Guerra, um etnógrafo como Henrique Abranches, um ensaísta e crítico como Adolfo Maria, muitos deles espraçando-se pela poesia, conto ou ensaio, com grande facilidade.

Se o movimento da «Mensagem» revelou um núcleo de poetas de grande envergadura, da «Cultura» saíria o maior contista e novelista de sempre: Luandino Vieira. Criado em pleno musseque Braga, transformado hoje no moderno Bairro do Café, Luandino Vieira colheu directamente do povo os ensinamentos que o tornariam no maior escritor neo-realista angolano. Com a clareza e a simplicidade das falas das gentes do musseque, Luandino Vieira narra, sem transigências, a vida dos seus heróis, que são sempre os filhos humildes do povo:

«João Matias Kangatu andava devagarinho, macio, sobre a areia amarela muito molhada da maré da tarde, agarrando com força o pacote contra o peito largo de pescador.

A noite, no princípio ainda, não estava fria. Agosto já tinha chegado e era mesmo a lua desse dia que ia dar berrida no cacimbo cinzento que pinta de triste as águas

azuis e verdes. Os pés largos nos quedes faziam chorar a areia e a noite espreitava o andar do homem com os seus olhos pequenos e brilhantes das janelas das estrelas.»

OS MOVIMENTOS literários angolanos pecaram pela sua reduzida difusão pelo grande público. Não amparados pelos grandes meios da propaganda que são em Angola a Imprensa e a Rádio, sem uma editora que lhes publicasse os livros, os novos escritores não lograram alcançar senão um limitado número de leitores. Por isso, não nos espanta que no chamado «I Encontro dos Escritores de Angola», realizado em Sá da Bandeira no corrente ano, um participante do conclave afirmasse — referindo-se a Agostinho Neto e a Viriato da Cruz, duas das pedras fundamentais da poesia angolana — que «vivendo há mais de 20 anos em Angola, só há dois anos ouvira falar nesses dois malfeitores.»

Impunha-se a publicação de livros de forma a que se desse uma verdadeira panorâmica do que era a autêntica literatura angolana. As editoras metropolitanas seriam, pensou-se, os meios mais indicados, mas depressa se verificou que com elas se não poderia contar. Talvez porque os temas não interessassem grandemente ao público da metrópole, e daí o lucro material não se tornar compensador, o primeiro original submetido a apreciação, um livro de magníficos contos do já consagrado Mário António, não obteve qualquer êxito. Na editora «Arcádia», a comissão de leitura ao fim de seis meses ainda se não dignara folheá-lo, e na «Europa-América», apesar de prévia explicação sobre o que a edição constituiria de estímulo para a literatura angolana, recebeu, após longa espera,

uma polida negativa. É então que a Casa dos Estudantes do Império, em 1958, através de dois estudantes angolanos, Carlos Eduardo e Costa Andrade, organiza uma Secção Editorial destinada à publicação das obras dos escritores ultramarinos. Publica duas antologias de poesia e conto angolanos, com prefácio, respectivamente, de M. António, Alfredo Margarido e Fernanda Mourão, e dá início à Colecção Autores Ultramarinos que conta, no presente momento, 12 autores angolanos editados: Luandino Vieira, Mário António, Arnaldo Santos, Viriato da Cruz, Costa Andrade, António Cardoso, Manuel Lima, António Jacinto, Agostinho Neto, Alexandre Dáskalos, Tomaz Vieira da Cruz e Henrique Abranches.

Simultâneamente uma nova editora surge em Angola, na cidade de Sá da Bandeira, que lança uma colecção de cadernos de contos e poesias, a denominada Colecção Imbondeiro, dirigida por Garibaldino de Andrade e Leonel Cosme, dois escritores radicados em Angola, que rapidamente ganha grande expansão no meio. Destinada à projecção dos autores do mundo de língua portuguesa, apresenta já na sua longa série de publicações alguns autores angolanos, quer em cadernos individuais, quer em antologias. Paralelamente, na planáltica cidade de Nova Lisboa, sob o impulso e o entusiasmo do jornalista e poeta Ernesto Lara, inicia-se a Colecção Bailundo com um livro do malogrado poeta Alexandre Dáskalos, a que se seguiria outro, «Picada de Marimbondo», colectânea de poemas do próprio Ernesto Lara.

E chegamos a 1961. Angola é teatro dos mais trágicos acontecimentos que parecem cavar um fosso insuperável

entre as duas raças, comprometendo um futuro harmonioso que os seus poetas sempre aspiraram. No meio da procela que tudo parece querer arrazar, o seu canto de amor e fraternidade levanta-se, trazendo uma mensagem de esperança num futuro radioso:

*Havemos de construir com as nossas mãos
Uma casita de adobe,
Bonita,
Onde caberemos todos.
Será vermelha,
Toda coberta a capim.*

*Vai ser fácil amassar
Porque o barro já está tinto
De tanto, tanto sangue
Há tanto tempo a correr.*

*Terá também um jardim
Com rosas e buganvílias.*

*Vai ser fácil
Pois mesmo que a chuva tarde,
Serão regadas
Com as lágrimas caídas
Dos olhos de todos nós.*

E, acrescentamos nós para finalizar, as nuvens negras que toldam os nossos céus dissipar-se-ão e um luminoso

arco-íris das cores mais vivas engrinaldará o firmamento,
enquanto na terra os homens de todas as raças entoam os
coros da paz e do trabalho na grande sinfonia universal.

Lisboa, Primavera de 63



